

# Educação artística: um testemunho, algumas reflexões

<sup>1</sup>Margarida Calado

<https://doi.org/10.34629/ipl.eselx.cap.livros.127>

Fui, desde a sua criação em 2004 até à minha jubilação em dezembro de 2017, professora e Coordenadora /Diretora do Mestrado em Educação Artística da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa.

Salvo algumas exceções, nunca senti da parte dos docentes – quer da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa (ESBAL), quer da Faculdade – muito empenho na formação de professores, embora grande parte dos diplomados/licenciados pela instituição seguissem a profissão de professores do Ensino Básico ou Secundário, muitas vezes antes de concluído o curso, dado que na altura a procura era muita.

A verdade é que a criação do Mestrado saiu do grupo então chamado de Ciências da Arte, por iniciativa do professor que lecionou na Escola e na Faculdade unidades curriculares de Psicologia, Sociologia e mesmo Antropologia, Fernando Casqueira. Inicialmente as regras de financiamento eram outras e como o mestrado teve muita procura, pudemos dar-nos a “alguns luxos” como a contratação, no primeiro ano de funcionamento, do professor Fernando Hernández de Barcelona para a unidade curricular de Cultura Visual. Pudemos, além disso, recorrer a um conjunto de especialistas nacionais, como os professores João Fróis, da área da Psicologia, mas que trazia consigo a experiência do programa «Primeiro Olhar» da Fundação Gulbenkian; a professora Ana Bela Mendes, com formação inicial em Escultura, e um doutoramento na área da criatividade, realizado em França; com o professor Pedro Andrade que, além da Sociologia, dominava as novas tecnologias. Criamos uma opção de Didática do Desenho da qual se encarregou o professor António Pedro Marques e fomos buscar um professor da área das Ciências da Educação, Jorge do Ó, que, entretanto, acabou por orientar a sua carreira para a área da Educação Artística.

Por outro lado, o criador do Mestrado pediu a aposentação, pensando que a partir daí poderia lecionar apenas no Mestrado, o que não se verificou porque a legislação, entretanto, impediu os professores aposentados de continuarem a dar aulas em instituições públicas. Por pertencer ao grupo de Ciências da Arte e ser das poucas professoras que não era

<sup>1</sup> Professora Associada Jubilada da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, onde coordenou o Mestrado em Educação Artística.

exterior à Faculdade, coube-me assim a coordenação do Mestrado, e a minha tarefa inicial consistiu em gerir o mesmo, atendendo à nova situação orçamental que me impedia de contratar muitos docentes externos. A pouco e pouco, procuramos chamar professores da nossa Faculdade, nomeadamente os professores João Paulo Queiroz para a Cultura Visual, João Peneda para as Perspetivas Terapêuticas das Artes Plásticas, Cristina Tavares para a opção de Temas de Arte Contemporânea.

Com a aposentação da Doutora Ana Bela Mendes, fomos buscar outra especialista em criatividade, a professora Sara Bahia da Faculdade de Psicologia da nossa universidade. Mesmo assim, se se fizer o balanço de todas as dissertações defendidas, poderei dizer que o saldo foi positivo. Um primeiro golpe sofrido – contra aquilo que inicialmente sonháramos – foi a criação, em 2007, de um Mestrado em Ensino (das Artes Visuais), que também vim a coordenar, primeiro tutelado pela Reitoria da Universidade de Lisboa e depois pelo Instituto de Educação.

Este mestrado tinha como principal limitação o facto de não haver uma teoria específica para a Educação Artística, mas um conjunto de unidades curriculares gerais a que cada Faculdade acrescentava outras de carácter específico, como as Didáticas do Desenho, das Artes Visuais, do Design, da Geometria.

Este sistema acabava por não ser profundamente diferente do que, ainda em tempos do Estado Novo, levava os que pretendiam ser professores a realizar o Curso de Ciências Pedagógicas e posteriormente a realizar um estágio na área respetiva. Claro que as teorias propostas eram mais atualizadas, mas o maior problema, em minha opinião, estava em não serem específicas. Isso mesmo foi reconhecido quando da primeira avaliação externa do Mestrado em Ensino das Artes Visuais, em que as unidades curriculares do nosso mestrado de Educação Artística foram consideradas como opções fundamentais para esse mestrado profissionalizante, dado que davam uma formação específica para as artes.

Devo confessar que a minha formação pedagógica se limitou precisamente a esse curso de Ciências Pedagógicas, já que antes de concorrer para o estágio e concluída a tese de Licenciatura em História, em 1973, me foi oferecido o lugar de assistente eventual do 8º grupo (História da Arte e Estética) na então ESBAL.

Como muitas vezes ouvi dizer na Faculdade de Letras, o importante era aprender a estudar e, de facto, já o tinha feito pouco depois da entrada para as Belas Artes, porque o ensino em Letras ficava entre o século XVI e o século XVIII, e a partir de 1974-1975, as matérias a lecionar em História da Arte centravam-se precisamente nos séculos XIX e XX. Tal como fui atualizando os conhecimentos em história da arte e fui preparando o doutoramento na mesma área, acabei por aperfeiçoar e aprofundar conhecimentos na área da pedagogia e das metodologias da investigação em ciências humanas.

Esta ambivalência de formação levou-me desde o início a constatar que a Educação Artística – seja na área das Artes Visuais, da Música, do Teatro ou da Dança – não se deverá nunca limitar ao ensino de uma prática, até porque uma parte significativa dos alunos seguirá carreiras totalmente diferentes.

Temos de desenvolver sensibilidades, de estimular a criatividade e de preparar os estudantes para constituírem um futuro público – apreciador, mas crítico – de museus, galerias, concertos e outros espetáculos. E para isso será desejável – e talvez o entenda assim por deformação profissional de origem – que conheçam a história da arte, do teatro,

da literatura.

Na verdade, custa-me que muitos alunos prefiram fazer a sua investigação na área dos estudos de caso (Stake, 2009), quando sabemos que está por fazer em grande parte a história do ensino artístico em Portugal, como também o estudo da obra de alguns dos nossos mais notáveis pedagogos desde Betâmio de Almeida e Calvet de Magalhães a Arquimedes da Silva Santos. Acredito que só a partir do conhecimento profundo do nosso sistema, poderemos avançar verdadeiramente para a construção de um caminho.

E esse, em minha modesta opinião, deve basear-se na proposta feita por Ana Mae Barbosa, conhecida originalmente como “Metodologia Triangular”, “através do livro *A imagem no Ensino da Arte* publicado pela Editora Perspectiva em 1991” (Barbosa & Cunha, 2010, p. 9). Em 1998 já Ana Mae alterara o nome para “Abordagem Triangular”, mas só a partir de 2009 a sétima edição do livro consolidou o caminho desta metodologia, que Rizzi (2008) sistematizou: “1. *Ler obras de Arte*: ação que, para ser realizada, inclui necessariamente as áreas de Crítica e de Estética” (p. 67); 2. “*Fazer Arte*: ação do domínio da prática artística, como por exemplo, o trabalho em ateliê” (Ibidem, p. 69); “3. *Contextualizar*: ao contextualizar estamos operando no domínio da História da Arte e outras áreas de conhecimento necessárias para determinado programa de ensino” (Ibidem).

Pessoalmente, o que fica desta metodologia é verdadeiramente a parte que eu considero de uma educação artística para o futuro dos cidadãos que são hoje as crianças e os jovens, ou seja, ser capaz de apreciar criticamente uma obra de arte, qualquer que ela seja, do cinema à arte urbana, passando por todas as artes visuais, e saber contextualiza-las, em termos históricos e neste caso não bastará a história da arte, mas será necessária a compreensão da época em que cada uma surgiu.

Tal poderá fazer-se a nível do ensino curricular, formal, mas também a nível de ensino não formal e, neste capítulo, gostaria de chamar a atenção para o trabalho que tem vindo a ser desenvolvido por Olga Sotto<sup>2</sup> com crianças dos 4 aos 12 anos de idade em monumentos nacionais, tendo começado no Convento de Cristo em Tomar e prosseguido no Panteão Nacional, no Palácio – Convento de Mafra e já com enquadramento científico, no contexto do Mestrado em Educação Artística, no Mosteiro da Batalha.

Curiosamente, trata-se de uma aluna com currículo diversificado, da área do ensino à das artes plásticas e também à história da arte, que criou uma metodologia que designou por «Educação, Arte e Património», ou seja, como a própria afirma, “uma pedagogia concebida para assegurar a consciência estética e moral dos mais jovens em relação às Artes e ao Património Nacionais” (Sotto, 2018, p. 23). De salientar que a mesma criou esta metodologia por uma via essencialmente empírica e só posteriormente veio procurar no Mestrado uma fundamentação científica, que atualmente aprofunda no seu doutoramento, procurando igualmente investigar formas de relacionar o ensino das artes com o de outras áreas curriculares. Acredito que estas propostas serão um caminho a seguir.

<sup>2</sup> Nome artístico com que também assina as suas publicações, sendo o nome real Olga Rosa dos Remédios Rodrigues Souto. No momento de escrita do artigo, encontrava-se a realizar o doutoramento da FBAUL.

## Referências

- Barbosa, A. M. & Cunha, F. P. d. (Orgs.) (2010). *Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais*. S. Paulo: Cortez Ed.
- Rizzi, M. C. d. S. (2008). Caminhos Metodológicos. In A. M. Barbosa (org.), *Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte* (5ª ed.). S. Paulo: Cortez Ed.. I
- Sotto, O. (2018). *Educação, Arte e Património IV. Mosteiro da Batalha*. Batalha: Direção Geral do Património Cultural/Mosteiro da Batalha.
- Stake, R. E. (2009). *A Arte da Investigação com Estudos de Caso* (2ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.